

## O CAMPO RELIGIOSO FEIRENSE: NOTÍCIAS E REFLEXÕES PRELIMINARES

*Elizete da Silva\**

“Era! Pelas Musas começemos, elas a Zeus pai hineando alegam o grande espírito no Olimpo dizendo o presente, o futuro e o passado vozes aliando” (HESÍODO. Teogonia, p. 1007)

**RESUMO** — *Neste texto analisamos a constituição do campo religioso em Feira de Santana, enfocando os principais grupos religiosos de origem cristã, afro-brasileira e espírita, no período de 1930 a 1995. Trabalhamos na perspectiva da História Cultural, a qual toma a religião como um elemento da cultura, proporcionadora de sentido e representações coletivas sobre a realidade. Baseamos a argumentação em torno de uma bibliografia específica e de fontes escritas e orais produzidas pelas comunidades e em periódicos que circulavam na cidade. A diversidade religiosa na sociedade feirense provocou assimilações, conflitos e lutas por espaços, ao mesmo tempo em que oferecia à população residente ou migrante espaços de sociabilidade e de ressignificações dos fenômenos sagrados em comunidades candomblecistas, espíritas, protestantes e católicas.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Religião. Conflitos. Feira de Santana.*

### INTRODUÇÃO

Pretendemos neste artigo fazer uma abordagem introdutória sobre a formação do campo religioso na cidade de Feira de Santana no período de 1930 a 1995. Destacamos os principais

---

\*Prof. Pleno (DCHF/UEFS). E-mail: cliosilva@yahoo.com.br  
 Universidade Estadual de Feira de Santana – Dep. de Ciências Humanas e Filosofia. Tel./Fax (75) 3224-8097 - Av. Transnordestina, S/N - Novo Horizonte - Feira de Santana/BA – CEP 44036-900. E-mail: chf.uefs@gmail.com

grupos religiosos de matriz cristã, afro-brasileira e espírita como formas do sagrado que a população feirense aderiu ao longo do século passado.

O referencial teórico em que nos baseamos é inspirado no conceito de campo religioso de Pierre Bourdieu, o qual vincula o desenvolvimento das grandes religiões ao aparecimento das cidades, bem como as relações das instituições religiosas aos fatores econômicos, políticos e sociais de determinadas sociedades, “ numa relação de interdependência e de reforço recíproco, a saber a constituição de um campo religioso relativamente autônomo e o desenvolvimento de uma necessidade de sistematização das crenças e práticas religiosas.”(BOURDIEU, 1974, p.34) Pretendemos estudar a religião enquanto matriz construtora de representações da vida cotidiana, que orientavam as atitudes e as práticas de fiéis que transitavam numa realidade do sertão baiano.

Entendemos a religião como um elemento da cultura. Nessa perspectiva elegemos como linha de abordagem a que se elabora nos marcos da História Cultural, especificamente nos valem do conceito de representação. Conforme Roger Chartier, representação é “a compreensão que os homens buscam do funcionamento de uma dada sociedade ou as operações intelectuais que lhes permitem apreender o mundo.”(CHARTIER, 1990, p.23)

Feira de Santana, no início do século XVIII, era uma fazenda localizada na estrada das Boiadas, próxima do arraial de São José das Itapororocas e pertencia à comarca de Cachoeira. O comércio de gado era a atividade mais importante , embora contasse também com atividades agrícolas.

Conforme Poppino, já no início do século XIX, a “Princesa do Sertão” era considerada o maior arraial da Paróquia de São José das Itapororocas e uma das três principais feiras da Província”.(POPPINO, 1968, p.309) Destacando-se dos demais arraiais pelo seu desenvolvimento econômico. Em 1873, a vila foi elevada à categoria de cidade com o significativo topônimo de Cidade Comercial de Feira de Santana.

Considerado como a porta do sertão, o município localiza-se “entre a zona da mata e o sertão, numa área de transição

denominada agreste baiano. Quase sua totalidade (96% da área) está inserida no polígono das secas, excluindo-se somente o distrito de Humildes”(FREITAS, 1998.p.53). Logo, observa-se que a população feirense compartilhava as vicissitudes e os problemas atávicos, que ainda hoje assolam o nordeste brasileiro, o que contribuiu, dentre outras razões, para forjar o sertanejo forte e ao mesmo tempo descrente dos poderes públicos, apegado ao fatalismo das intempéries da natureza.

Ao estudar a situação econômica da região feirense, Rossine Cruz constatou que o

município de Feira de Santana, que em 1940 já possuía a quinta maior população do estado (a maioria rural como, aliás, aconteceu em quase todo o país), passaria por um processo de urbanização acelerada nas décadas seguintes, com taxas anuais de crescimento crescentes, até alcançarem 4,4% nos anos 70. A abertura e melhoria de estradas, aliada ao desenvolvimento do sistema de transportes, facilitaria os deslocamentos em direção à capital do estado, tornando Feira um grande “colchão amortecedor” dos fluxos migratórios que destinavam-se a Salvador ou mesmo ao Sudeste do país. Em 1970 haviam 35.209 habitantes não naturais e residentes há menos de 10 anos no município. Isto significava 72% do acréscimo populacional ocorrido entre 1960 e 1970. (CRUZ,1996, p.208)

O que buscava essa nova população? Evidentemente emprego e oportunidades para pequenos empreendimentos, bem como espaços de sociabilidade e vivências do sagrado.

## **O CATOLICISMO**

O catolicismo está presente no território nacional desde o período colonial, legitimando a empresa mercantil portuguesa e ampliando as alianças com o estado metropolitano português.

A Bahia foi escolhida para sede episcopal, além de sede do governo-geral. Costa e Silva, (2000, p. 23) no seu brilhante estudo sobre o catolicismo oitocentista, afirmou:

Povoar ocupando a terra para possuí-la; possuir para explorar; explorar para auferir lucro. A dinâmica de tal empresa exigia critérios explícitos para a vida em comum. Na definição dos papéis, a Igreja se assumiu como legitimante da ação e geratriz de sentido para a existência imediata e histórica de cada qual.”

A Igreja Católica encontrava-se na região desde o início do século XVIII. Em 1846, tornou-se Sede Paroquial a freguesia de Feira de Santana. Portanto, o campo religioso feirense era hegemônica e historicamente católico, desde a fundação do arraial.

A Religião sempre foi uma força poderosa em Feira de Santana, desde os tempos coloniais. Quase todo o povo do município constitui-se de católicos, para os quais os símbolos da fé representavam uma parte da vida diária. Em todas as ocasiões importantes, do nascimento até a morte, uma cerimônia religiosa acompanhava, invariavelmente, a vida de cada qual, enquanto os dias santos especiais e os festivais religiosos se celebravam com toda a pompa e ostentação da Igreja Católica (POPPINO, 1968, p. 309).

O catolicismo feirense seguia as grandes linhas do catolicismo baiano: tratava-se de uma religiosidade com muitas devoções de santos, irmandades de leigos e variadas festas em louvor dos padroeiros. Couto, estudando o catolicismo baiano, assegura que

A maior expressão da devoção na Bahia era a realização dos festejos em homenagem a um determinado santo, que incluíam novenas, procis-

sões, foguetórios, banquetes e bailes populares. Afinal, as festividades não eram exercícios públicos de piedade, mas uma ocasião propícia aos divertimentos e à interligação entre o profano e o sagrado (COUTO, 2004, p. 24-25).

Dentre as festas católicas, destacava-se a de Senhora Santana, padroeira da cidade. A festa da padroeira realizava-se desde 1781 e era organizada por uma irmandade ou pela comissão previamente escolhida para organizar os festejos, geralmente pessoas da elite local, especialmente grandes comerciantes. Segundo Batista, (1997, p. 33) “o pregão dava início aos folguedos externos da festa. Era um desfile, composto principalmente por carros alegóricos, cheios de homens e mulheres, com temas específicos, muita música e cantoria.” Os festejos propriamente ditos começavam com o novenário, que ficava a cargo de um grupo. Ao término dos rituais, havia sempre uma filarmônica de plantão para realizar uma retreta, no coreto da Matriz. A solenidade maior “era uma missa cheia de pompa, realizada sete dias depois do bando anunciador, sempre pela manhã. Mobilizavam orquestras, maestros e filarmônicas. Todo luxo e requinte era pouco para louvar Santana”(BATISTA, 1997, p. 38). A parte profana da festa era muito bem concorrida e a imprensa local registrou a alegre e descontraída participação dos “Simples na lavagem, nos blocos e nos sambas apimentados” (BATISTA, 1997, p. 38).

A Igreja Católica estava presente nas diversas atividades da sociedade feirense, a exemplo de benefícios educacionais, hospitalares e assistenciais promovidos pela Santa Casa de Misericórdia, Orfanato Nossa Senhora de Lourdes e o Montepio dos Artistas, fundado pelo Pe. Ovídio de S. Boaventura, em 1879.

Existiam ainda, várias irmandades de leigos que se congregavam conforme o seu lugar social: São Benedito, o Santo Negro, era o protetor das entidades constituídas de elementos das classes menos favorecidas, enquanto as associações dedicadas a Nossa Senhora ou a Santana eram mais comuns entre as classes superiores (POPPINO, 1968, p. 277). Seguindo a tra-

dição de outras localidades da Bahia e do País, os negros se congregavam em torno de santos negros, separadamente dos brancos. Sobre a hegemonia do catolicismo na sociedade feirense do período, é importante destacar que o principal jornal, que cobre o universo cronológico deste trabalho, Folha do Norte, publicava diariamente uma coluna denominada *Notícias Religiosas* onde se publicavam apenas notícias sobre a Igreja Católica.

## RELIGIÃO AFRO-BRASILEIRA

A população africana, trazida como mão-de-obra escrava para o Brasil, trouxe para o território brasileiro um repertório rico de manifestações religiosas. (BASTIDE 1971, p. 85), na sua obra sobre as religiões africanas no Brasil, diz que:

a religião ou as religiões afro-brasileiras foram obrigadas a procurar nas estruturas sociais que lhes eram impostas “nichos”, por assim dizer, onde pudessem se integrar e se desenvolver. Deviam se adaptar a um novo meio humano, e esta adaptação não iria se processar sem profundas transformações da própria vida religiosa.

Religiões de escravos, portanto, cultos marginalizados dentro do sólido bloco católico, as concepções religiosas africanas se mantiveram, em parte, como uma forma de resistência cultural e foram ressignificadas como candomblé, macumba, batuque, samba, umbanda, xangô e uma variedade de outras designações regionais. Os cultos de origem africana foram preservados apesar da catequese cristã, da desqualificação como práticas supersticiosas e animistas.

Como traços comuns da religiosidade trazida da África, podemos citar que eram religiões estreitamente vinculadas às linhagens, ao culto dos antepassados e às forças da natureza, com um vasto panteão de divindades, lideradas por sacerdotes e sacerdotisas que guardavam zelosamente os mistérios da fé e das práticas rituais.

Com a abolição da escravidão em 1888, ocorreu uma precipitação da desagregação das comunidades negras. Os antigos escravos formariam uma espécie de lupemproletariado, o que em parte explica os estereótipos de negro preguiçoso, alcoólatra ou ladrão, do vagabundo vivendo às custas das moças. Nessa situação de crise, o candomblé permaneceu como único centro de integração possível, pois que havia uma reconstituição de antigas práticas, confraternização religiosa, solidariedade e assistência mútua. Um refúgio religioso para pessoas que viviam as vicissitudes da sociedade desigual e preconceituosa, da pobreza e da discriminação.

A Bahia é o estado brasileiro com maior concentração de afro-descendentes, herança do “deprimente comércio”, conforme Daniel Kidder, um missionário metodista que esteve no Brasil no período regencial e ficou estarecido com a escravidão.

Após a proclamação da República em 1889, esperava-se que a liberdade religiosa advinda com a queda do Padroado fosse estendida também às manifestações religiosas africanas. O Governo Provisório do novo regime já decretava a liberdade religiosa, a qual foi referendada pela Constituição Republicana, assegurando plena liberdade dos cultos acatólicos, entretanto parece que os legisladores apenas levaram em conta os grupos cristãos, representados pelas várias denominações protestantes. No que diz respeito aos terreiros de candomblé e outras práticas de origem afro, a realidade foi completamente outra.

A legislação republicana foi extremamente contraditória: ao mesmo tempo em que terminava com a oficialidade do catolicismo, que assegurava o livre exercício da crença religiosa, o Código Penal Republicano de 1890, nos seus artigos 156, 157 e 158, proibia a magia, o espiritismo e o curandeirismo, elementos importantes que ainda hoje figuram nas práticas rituais dos cultos de origem afro. Espiritismo, neste contexto, entendido como a invocação de espíritos ou entidades míticas. Durante a República Velha, os processos e as investidas policiais foram rotineiros, com a argumentação de “manter a ordem pública”, pois as festas e os cultos do Candomblé eram

sempre vistos pelas autoridades com desconfiança e suspeita de desordem, tal qual ocorria durante a vigência da escravidão.

Por outro lado, convém esclarecer que os seguidores dos cultos afros pertenciam aos segmentos de baixa renda da população baiana e brasileira. Negros e pobres, em geral analfabetos, continuavam a ser discriminados na sociedade, dessa vez nos aspectos religiosos. Tratava-se de uma forma de coerção, de imposição e desrespeito às crenças e costumes considerados pagãos por uma elite governante que queria branquear-se, livrar-se dos traços étnicos de origem africana presentes na cultura baiana e brasileira. O Candomblé foi uma forma de resistência eficaz contra a prepotência e a intolerância religiosa, vigente no período. Segundo Braga, a luta dos fiéis do Candomblé “se realizava em duas frentes distintas e complementares: a defesa do Candomblé como instituição e a defesa do direito de se integrarem na sociedade sem perder sua especificidade e identidade cultural” (BRAGA, 1995, p. 72).

No início da década de 30 do século passado, um grupo de intelectuais e estudiosos dos grupos afros realizou o I Congresso Afro-Brasileiro, que se reuniu na Bahia em janeiro de 1937, com o claro objetivo de exigir das autoridades “respeito e liberdade religiosa”. Patrocinada por Edison Carneiro, foi organizada a União das Seitas Afro-Brasileiras da Bahia “e um memorial foi endereçado ao Governador do Estado”, pedindo o reconhecimento oficial do candomblé como seita religiosa, com os mesmos direitos e privilégios de todas as demais formas de expressão religiosa, de acordo com a Constituição Brasileira.

As manifestações religiosas de origem afro em Feira de Santana ainda não foram pesquisadas devidamente. Mas pelas informações disponíveis, podemos afirmar que os negros escravos e seus descendentes organizaram terreiros e locais de culto, especialmente na periferia da cidade e nos distritos, na zona rural. Poppino, (1968, p. 283) estudando Feira de Santana na década de 50 do século passado, assegura que “os primitivos cultos africanos perduraram entre os negros e os mulatos das classes inferiores.”



Em 1904, o Diário de Notícias, periódico que circulava em Salvador, publicou sob o título *Horrível scena de feitiçaria trez mortes*, uma nota que confirma os preconceitos e as perseguições:

num subúrbio de Feira de Santana trata-se de mais uma bárbara manifestação de fetichismo, tão enraizado no espírito de certas camadas do nosso povo, que na cegueira da credulidade entrega-se às mãos de ignorantes e especuladores feitiçeiros no distrito de Almas, morte de trez infelizes, clientes dos curandeiros e bruxos em exercício até em cidades que se presam de civilizadas.

Era um ritual de exorcismo e o jornalista, de forma etnocêntrica, acusa os agentes religiosos de feitiçeiros, ignorantes e contrapõe as práticas do candomblé à civilização.

Resende, (2000, p. 47) escritor feirense negro, que viveu no início do século XX, registrou de forma poética a presença africana na religiosidade local. No poema *Candombe*, uma grafia antiga de candomblé, o poeta louva a sua musa negra que dança em honra aos orixás:

Do acetilênio à luz, no vasto pagodô,  
Ágil mulata arisca, em revolutas, dança,  
Fuzila o seu olhar, que um brilho estranho lança,  
A roda canta o congo, em preces a Xangô.

Ainda no mesmo poema, o autor vinculou o batuque à vida da senzala, possivelmente sugerindo a segregação que viviam os seguidores das religiões de origem africana:

Rouco e surdo a roncar, rudo, roufenho e fundo,  
Raucíssimo tabaque o burgo acorda e abala.  
Dá-nos toda a impressão de uma velha senzala,  
Esta cena infernal de coisas do outro mundo.

O memorialista Lagedinho, em suas memórias sobre Feira de Santana na década de 30, assegurou que o poeta negro

Aloísio Resende foi discriminado na cidade “por um único motivo: era umbandista. Freqüentava todos os terreiros da região e suas poesias faziam apologia ao candomblé” (LAGEDINHO, 2004, p, 94). Ao que parece a discriminação aos cultos afro-brasileiros atravessou o período cronológico deste trabalho.

Numa pesquisa antropológica sobre as práticas religiosas de origem africana na região, realizada na década de 80 do século passado, Senna (1988, p. 53) apontou a existência de mais de quarenta terreiros organizados com zeladores e a estrutura religiosa peculiar. Muitos agentes do sagrado foram iniciados em Salvador ou em Cachoeira. Reportando-se às perseguições, o autor recolheu alguns depoimentos de fiéis “onde se fala de soldados arrependidos e que se tornaram ogãs ou mesmo iaôs, e padres que incentivavam estas perseguições enlouquecidos pelas “coisas feitas” nos terreiros.”

## O ESPIRITISMO

O Espiritismo, fundado na França pelo professor Denizard Hippolyte Leon Rivail, posteriormente Allan Kardec, na segunda metade do século XIX, chegou ao Brasil e à Bahia de imediato. Professores, jornalistas e intelectuais baianos, seduzidos pelos fenômenos paranormais divulgados pela doutrina espírita, passaram a ler as obras e as notícias vindas da Europa e dos Estados Unidos. Dentre esses intelectuais baianos, destaca-se o professor e jornalista Teles de Menezes que passou a divulgar a literatura espírita nos jornais locais e manteve correspondência com Kardec.

A propaganda espírita continuou a ser feita pelos pioneiros, os quais, no final da década de 60 do século XIX, fundaram o jornal *O Eco do Além Túmulo* para difundir suas doutrinas. Em 1873, foi fundada a Associação Espírita em Salvador, tendo como primeiro presidente o Professor Teles de Menezes. As perseguições se fizeram de imediato, vindas do clero católico e dos seus jornais, que classificavam os fenômenos mediúnicos de embustes e charlatanismo. No que pese as perseguições, o Espiritismo cresceu na Bahia, onde encontrou terreno fértil nas tradições religiosas populares. Segundo Loureiro, (1994,

p. 21) “a Doutrina Espírita, ao chegar ao Brasil, encontrou um ambiente propício ao sincretismo, uma vez que já havia certa fusão cultural. O culto afro-católico, por outro lado, absorveu certas práticas espíritas”. Não concordamos com o conceito de sincretismo, porém é fato a proximidade de práticas entre o Espiritismo e as religiões de origem afro, especialmente no que se refere à imortalidade e ao culto dos mortos.

O primeiro centro espírita de Feira de Santana foi o Paz dos Sofredores, fundado pelo casal Deraldo e Ziza de Carvalho, em 1936, na rua Castro Alves, hoje centro da cidade. O Sr. Deraldo era um comerciante, que ganhou fama e respeito na população por seu trabalho de cura às pessoas com loucura e obsessão. O Centro Jesus de Nazaré foi o segundo a ser criado. Como um sinal de crescimento do grupo, em 1950 foi fundada a Sociedade de Estudos Espíritas Feirenses. A partir da década de 60, outros centros foram organizados em vários bairros da cidade, buscando sempre aliar à doutrinação o trabalho assistencialista, como orfanato, creches, aulas de alfabetização e o Lar do Irmão Velho, bem como a distribuição de cestas básicas, remédios e agasalhos nos bairros carentes (NUNES, Entrevista à autora em 13/6/2006). Fora da caridade não há salvação, é um princípio espírita, mas ao mesmo tempo se constitui como um grande atrativo para a população desassistida.

O Espiritismo em Feira de Santana, seguindo uma tendência nacional, atraiu especialmente pessoas de classe média e com um certo nível intelectual, conforme o Sr. Cloves Nunes, líder espírita desde a década de 70 (Entrevista concedida à autora em 13/06/2006). Segundo o entrevistado, o Espiritismo é uma doutrina universal, com conteúdo filosófico que necessita de um grau de instrução e capacidade de absorção nem sempre encontradas nos segmentos de baixa renda, no geral analfabetos.

A influência espírita na cidade se tornou visível com a relevância e a popularidade do escritor Divaldo Franco, grande divulgador da obra kardecista, bem como pela realização do evento Caminhada pela Paz, organizada por Cloves Nunes, na década de 90 e que hoje se repete em quase todos os estados do País. Em torno de 5000 feirenses são espíritas praticantes.

## PROTESTANTES NAS TERRAS DE SENHORA SANTANA

O protestantismo instalou-se no Brasil na primeira metade do século XIX, representado em várias denominações: de origem europeia, trazido por imigrantes como Anglicanos, Luteranos e os Congregacionais de origens missionária, organizados por um médico escocês; protestantismo de origem missionária provenientes dos EUA como Presbiterianos, Metodistas, Batistas e Episcopais. Nas primeiras décadas do século XX, fundaram-se a Congregação Cristã do Brasil (1910) e a Assembleia de Deus (1911), denominações de origem pentecostal, isto é, que dão ênfase à doutrina do batismo no Espírito Santo, ocorrida no dia de Pentecostes, provavelmente no século I da era cristã, e na glossolalia, isto é, o dom de falar línguas estranhas durante a prática ritual. Os neopentecostais, fenômeno que surgiu a partir da década de 1970 (os novos pentecostais) são tipicamente brasileiros, fruto de dissidências e ressificações das antigas doutrinas do pentecostalismo clássico, os quais fazem um intenso diálogo com a religiosidade popular nacional. (SILVA, 1998)

Em 1935, chegou a Feira de Santana o casal Isobel C. Gillanders e Roderick Gillanders, missionários da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira. Após dois anos de intenso trabalho proselitista, em 1937, organizou-se a Igreja Evangélica Unida de Feira de Santana, a primeira denominação protestante a fixar-se na cidade. Conforme Gillanders, (1990) os primeiros anos foram muito difíceis: perseguições e intolerância por parte do clero católico, que ameaçava até os fiéis que alugassem casas para os “crentes fazerem o seu culto”. A congregação era formada pela família dos missionários e uma dezena de irmãos, porém, gradativamente o grupo cresceu e ganhou visibilidade.

Na década de 1960, com a tendência conservadora que grassou entre os evangélicos, algumas denominações se declararam fundamentalistas como a Igreja Evangélica Unida que adotou doutrinas e práticas conservadoras e alterou estatutariamente seu nome para Igreja Evangélica Fundamentalista, em 1966. Pleiteava uma maior pureza evangélica e um explícito conservadorismo ético e político para sua membresia.

Em Feira de Santana, a Assembleia de Deus instalou-se em 1939. Confirma-se, assim, a tendência do protestantismo de origem pentecostal de se desenvolver em cidades de grande concentração populacional e em crescente urbanização. No limite cronológico deste trabalho, os assembleianos estavam em quase todos os bairros da cidade e na zona rural próxima, contando com oitenta templos e mais de dez mil fiéis praticantes. Atualmente existem outros grupos pentecostais como a Congregação Cristã do Brasil e a Igreja do Evangelho Quadrangular.

Os batistas chegaram à cidade no início da década de 40. Em outubro de 1941, o jornal Folha do Norte noticiou a presença de uma caravana evangélica. No mesmo ano, organizou-se a Congregação Batista. Em 1947, organizou-se a Primeira Igreja Batista de Feira de Santana.

Nas primeiras décadas, a composição social das congregações batistas vinculava-se às camadas mais baixas da população. A partir da década de 80, portanto, em quase quatro décadas de existência do trabalho batista em Feira de Santana, começou a haver uma certa diversificação na composição social da membresia: registra-se a presença de alguns profissionais liberais, pequenos comerciantes e professores, os quais seriam sempre muito prestigiados, exercendo cargos de liderança, conforme as atas das assembleias da comunidade batista.

Além dos Batistas da Convenção Brasileira, encontramos, no período estudado, a Igreja Batista Independente Filadélfia, fundada em 1963 e a Igreja Batista Missionária, vinculada a Convenção Batista Nacional, doutrinariamente carismática e organizada na região na década de 70.

No início da década de 60, como uma demonstração do crescimento batista e da importância de Feira de Santana na estratégia expansionista, foi organizado o Instituto Bíblico Batista, o qual na década de 1980 transformou-se em Seminário Teológico Batista do Nordeste, formador de pastores e educadores religiosos. Convém salientar que, desde as suas origens até o limite cronológico deste trabalho, o Seminário foi sustentado financeiramente e dirigido por missionários norte-americanos da Junta de Richmond, conforme o jornal Batista Bahiano.

Compunha, ainda, o campo religioso feirense a Igreja Evangélica Congregacional, presente desde a década de 1950, contando com um templo e setenta e três membros, conforme a Estatística do Culto Protestante do Brasil. Os dados oficiais nem sempre merecem toda a confiança, porém, podemos deduzir, se estes são verdadeiros, que havia pouca expressividade desse ramo protestante no período, em Feira de Santana.

A Igreja Presbiteriana do Brasil só estabeleceu uma congregação em Feira de Santana na segunda metade do século passado, porém o esforço evangelístico foi promovido desde o final do século XIX. Em 1889, o Reverendo G. Chamberlain distribuía Bíblias e folhetos evangélicos e realizava cultos públicos. Conforme a Folha do Norte, em uma dessas atividades

[...] é vaiado o pastor protestante Chamberlain, cidadão norte-americano, ao iniciar na praça João Pedreira uma conferência de propaganda religiosa. A polícia intervém no sentido de dispersar os agressores, que retornavam de uma procissão. Estabeleceram-se correrias e tumultos. Feridos, a pedra, diversas pessoas” (FOLHA DO NORTE, 24/03/1940, p. 4).

George W. Chamberlain residiu algum tempo em Feira de Santana. Vítimas de epidemia, dois de seus filhos foram enterrados no Cemitério Piedade, próximo à Igreja Católica da Matriz, no centro da cidade. Embora os filhos dos missionários tivessem falecido em 1899, em plena República, o cemitério continuava a ser administrado pela Santa Casa de Misericórdia (católica) que proibia sepultamento de protestantes para não “profanar o Santo Solo”. Os jovens foram enterrados numa parte dos fundos, onde havia um muro que separava os falecidos católicos dos protestantes (Jornal A FÉ GENUÍNA, 2000, p. 1).

A missão presbiteriana não deu prosseguimento. Algumas famílias reformadas, que existiam na época, frequentavam a Igreja Evangélica Unida, a primeira comunidade protestante de Feira de Santana. Em 1947, os presbiterianos resolveram fundar uma congregação, que se reunia na Avenida Senhor dos

Passos, centro feirense. A congregação era pastoreada pelo Reverendo Eudaldo Silva Lima, então pastor da Igreja Presbiteriana da Bahia, em Salvador.

Em abril de 1950, “constatando-se a existência de setenta e sete membros comungantes”, resolveu-se fundar a Igreja Cristã Presbiteriana de Feira de Santana, o que ocorreu num culto solene, no dia 01/05/1950, sob a direção do Reverendo Aristeu de Oliveira Pires, designado pelo Presbitério Bahia-Sergipe da Igreja Presbiteriana do Brasil. Reverendo Ananias James de Oliveira foi o primeiro pastor. Foram empossados como presbíteros Simão Carvalho e Arsênio Almeida. Resolveu-se “celebrar a santa ceia todos os últimos domingos dos meses de número par”, consoante registra o Livro de Atas do Conselho da Igreja Cristã Presbiteriana de Feira de Santana, 1950.

Seguindo a rigorosa disciplina calvinista, a reta doutrina, como diz Rubem Alves, instalada a comunidade tratou-se imediatamente de acompanhar ou fiscalizar a vida dos seus membros.

Em 1952, o templo foi transferido para o bairro da Kalilândia; sendo pastoreada a comunidade até 1954 pelo Reverendo Manoel de Melo. Em 1958, assumiu o pastorado o missionário norte-americano Reverendo Dr. Rogério Perkins, o qual

Com ajuda de igrejas norte-americanas, colegas seus e com as contribuições dos membros da Igreja conseguiu verbas para comprar o terreno e construir o templo, na rua Professor Fernando São Paulo, Ponto Central – onde hoje corresponde ao anexo da Igreja” (SILVA, 2002, p. 2).

De 1963 a 1965, a comunidade voltou a ter um pastor norte-americano, Ricardo Wadell. Seguiu, assim, o curso regular das comunidades da Denominação Presbiteriana vinculadas à Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), dirigidas por pastores nacionais e missionários norte-americanos, fundadores do presbiterianismo brasileiro.

Além da Escola Dominical, organizada por faixa etária, existiam na comunidade várias organizações internas como a

Mocidade Presbiteriana, União de Adolescentes e a Sociedade Feminina (SAF) que congregava as mulheres casadas e tinha uma intensa programação devocional e práticas assistencialistas de ajuda aos irmãos necessitados e pessoas da vizinhança do templo. Edetina Cavalcante, membro fundadora da Igreja Presbiteriana de Feira de Santana, registrou numa brochura a trajetória da SAF, destacando, anualmente, as atividades que eram realizadas. Essas senhoras eram muito empreendedoras e colaboravam assiduamente no orçamento, ressaltando a campanha para a construção do templo novo no pastorado do Reverendo Josué Mello (CALVACANTE, 2001).

Comparado com o crescimento da Denominação Batista e da Assembléia de Deus em Feira de Santana, o crescimento dos presbiterianos foi lento: em 1950, contavam setenta e sete membros; em 1958, oitenta e nove membros e um único templo. Os batistas que se organizaram em 1947, contavam com seis templos e trezentos e cinqüenta membros adultos. Os assembleianos organizados na década anterior possuíam oito templos e duzentos e oitenta e dois membros adultos, de acordo com os dados do IBGE, 1958. Certamente, que a Igreja Presbiteriana de Feira de Santana seguia a tendência do Estado e a nacional: os batistas e os assembleianos, na época, eram as denominações com um maior apelo proselitista, com um intenso trabalho de divulgação dos leigos, diferente dos presbiterianos menos proselitistas e com um caráter mais clerical, com uma hierarquia presbiteral mais centralizadora. O sistema eclesial congregacional dos batistas e semicongregacional dos pentecostais assembleianos permitiam uma maior desenvoltura e atividades dos irmãos leigos.

A estrutura organizativa da Igreja Presbiteriana como Escola Bíblica Dominical, Sociedade de Senhoras e União de Mocidade e de adolescentes era seguida em quase todas as comunidades protestantes de origem missionária existentes em Feira de Santana.

Os metodistas organizaram uma pequena congregação na década de 1980, porém não progrediu e foi desativada.

A receptividade da mensagem protestante nessa cidade tão católica teve alguns percalços, especialmente entre a elite



culta que desqualificava o protestantismo como uma religiosidade de pessoas incultas. Conforme o jornalista Hugo Navarro Silva da Folha do Norte:

Em cada esquina, berrra um pastor protestante com sua proverbial burrice, atirando-o evangelho às golfadas, aos trancos, aos pedaços, por sobre os fiéis e por sobre quem passa. Mas, ainda há bons católicos, os que vão à missa, aos domingos, porque assim manda o catolicismo, e de doutrina cristã sabem ficar o Vaticano em Roma e que Satanás é um mau sujeito (FOLHA DO NORTE, 13/01/1951).

Escolhemos enfocar como exemplo de neopentecostais a Igreja Universal do Reino de Deus, em virtude da sua visibilidade nacional e do crescimento que tem tido na Bahia. A primeira congregação da IURD se organizou em Salvador, no início da década de 80, numa pequena sala de subsolo num prédio do centro da cidade. Imediatamente se desenvolveu atingindo o interior do Estado e a região feirense. Em 1985, a IURD instalou-se numa das principais ruas de Feira de Santana. Seguindo a característica espetacular do grupo, que constrói grandes catedrais, a catedral feirense comporta em torno de quatro mil pessoas e tinha no limite cronológico deste estudo mais de três mil fiéis e dezenas de congregações espalhadas pela cidade.

No que se refere à composição social, a mensagem “iurdiana” tem atraído, significativamente, fiéis de baixa renda, pessoas desempregadas ou de classe média pauperizada em busca de alternativas de sobrevivência. Na teologia neopentecostal, Deus é grande e é Senhor de todas as riquezas, portanto só ele pode libertar o fiel da pobreza, a chamada “teologia da prosperidade” se constitui como um grande atrativo para homens e, sobretudo, mulheres pobres e desamparadas, órfãos e viúvas de políticas sociais públicas esquecidas pelo Estado neoliberal. Existem outros grupos neopentecostais que se espalham por toda a cidade, a exemplo da Igreja Renascer em Cristo, a Igreja Sara Nossa Terra e outros grupos de menor visibilidade.

Convém destacar que o movimento de renovação carismática denominada Grupo dos 12 (G 12), ou Igreja em Células, cresceu com muita intensidade em Feira de Santana. Um dos líderes nacionais desse movimento, o Pastor René Terra Nova, pastoreou uma comunidade batista local e foi um dos divulgadores das novas doutrinas na cidade e na Bahia.

As denominações protestantes se constituíam como espaços de sociabilidade e construtoras de representações simbólicas de relações familiares para uma fatia densa da população migrante que chegava à região feirense no período. O fiel que visitava os cultos se tornava um interessado que merecia toda atenção pastoral e, geralmente, de visitante se tornava um praticante.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Podemos afirmar que o campo religioso feirense no período analisado era tão diversificado quanto a formação cultural da cidade. Entrecortada por várias rodovias, a meio caminho entre o Sertão e o Recôncavo, a Princesa do Sertão atraiu várias ondas migratórias, sujeitos históricos que traziam seus aportes culturais, inclusive suas crenças e representações sobre o sagrado, que interagiam com a população tradicionalmente residente, a qual também era diversificada do ponto de vista étnico e religioso. Dir-se-ia que Nossa Senhora de Santana não é mais a única protetora dos feirenses. Outras divindades, entidades sagradas e musas também foram convocadas para proteger seus fiéis e seguidores, louvadas e hineadas por variados cantos e linguagens rituais.

Um breve olhar na passagem urbana feirense pode levar o observador a algumas hipóteses preliminares que atestam a expansão neopentecostal na cidade, especialmente nos bairros mais populares e uma certa estagnação numérica do catolicismo e das denominações protestantes de origem missionária (século XIX), seguindo, assim, uma tendência nacional observada a partir dos dados do IBGE, no último censo de 2003.

Feira de Santana constitui-se como um privilegiado espaço de estudos, no qual a “Revanche de Deus” questiona e

instiga as velhas teses da morte da religião e da secularização, levantando novas indagações, fatores e elementos para aprofundar as pesquisas e reflexões. Um campo aberto e convidativo aos pesquisadores do fenômeno do sagrado.

## THE FEIRENSE RELIGIOUS FIELD: NEWS AND PRELIMINARY REFLECTIONS

**ABSTRACT** — *This article analyzes the constitution of the religious field in Feira de Santana, focusing on the major religions of Christian origin, african-Brazilian and spiritist in the period 1930 to 1995. We work from the perspective of Cultural History, which takes religion as an element of culture, providing meaning and collective representations of reality. We base the argument on a specific bibliography of written and oral sources produced by the communities and journals that circulated in the city. The religious diversity in the Feira de Santana society caused assimilations, conflicts and fights over space, at the same time offering the resident or migrant population a space for sociability and new meanings of the sacred phenomena in the candomblé, spiritist, protestant and catholic communities.*

**KEY WORDS:** *Religion. Conflicts. Feira de Santana.*

## REFERÊNCIAS

BASTIDE, Roger. **As Religiões africanas no Brasil:** contribuição a uma Sociologia das interpenetrações de civilizações. São Paulo: Pioneira, 1971.

BATISTA, Silvana. **Conflitos e comunhão na Festa da Padroeira em Feira de Santana (1930-1950).** Feira de Santana. UEFS, 1997.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Perspectiva, 1974.

BRAGA, Júlio. **Na gamela do feitiço.** Salvador: EDUFBA, 1995.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações.** Rio de Janeiro: Bertran Brasil, 1990.

*Sitientibus*, Feira de Santana, n. 41, p.27-46, jul./dez. 2009

COUTO, Edilece. **Tempo de festas**: homenagens a Santa Bárbara, N. S. Da Conceição e Santana em Salvador (1860-1940) Assis: UNESP, 2004.

CRUZ, Rossine. **A inserção de Feira de Santana nos processos de integração produtiva e descontração econômica nacional**. 1996. Tese (Doutorado em Economia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas. UNICAMP.1996.

FREITAS, Nacelice B. **Urbanização em Feira de Santana**: influência da industrialização (1970-1996). 1998. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura, UFBA, Salvador, 1998.

MORAIS, Ana Angélica Vergne et al (Org.). **Aloísio Resende**: poemas com ensaios críticos e dossiê. Feira de Santana: UEFS, 2000.

POPPINO, Rollie. **Feira de Santana**. Bahia: Itapuã.1968.

SILVA, Cândido Costa e. **Os segadores e a messe o Clero oitocentista na Bahia**. Salvador: EDUFBA, 2000.

SILVA, Elizete da. **Cidadãos de outra Pátria**: anglicanos e batistas na Bahia. 1989. Tese (Doutorado em História) Departamento de História, FFCIHL-USP, 1989.

TORRANO, Jan. **Teogonia a origem dos Deuses Hesíodo**. São Paulo: Iluminuras, 1991.

*Recebido em: 15/12/2008*  
*Aprovado em: 10/03/2009*